

Estudos

Interdisciplinares sobre

Gênero e Feminismo

Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Estudos

Interdisciplinares sobre
Gênero e Feminismo

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E82	<p>Estudos interdisciplinares sobre gênero e feminismo 1 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo; v. 1)</p> <p>Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-789-5 DOI 10.22533/at.ed.895191911</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Feminista... é fazer aquilo que diziam que eu não podia fazer; aquilo que diziam que só o homem pode fazer, eu como mulher também posso fazer. Feminista, acima de tudo é quebrar barreira, é mostrar que a gente pode fazer o trabalho independente do homem, não necessariamente que tenha um do lado. (Ajurimar Bentes – integrante do Grupo de Mulheres Guerreiras Sem Teto, do Movimento dos Sem Teto de Salvador, 2010)

A interdisciplinaridade é uma alternativa em relação ao conhecimento compartimentado em disciplinas e ao discurso de autores contemporâneos que, se por um lado têm representado avanços em algumas discussões específicas, por outro, fica a dever na abordagem científica e na problematização de temas que devem ser considerados em sua complexidade e que ultrapassam o âmbito teórico e metodológico de uma única disciplina. A reflexão interdisciplinar, métodos de uma área para outra, o que possibilita a geração de novos conhecimentos e profissionais com fundamentação sólida e integradora.

A construção das identidades culturais e de gênero na sociedade contemporânea, cujas transformações especialmente a chamada globalização, “acirrada” desde a década de 70 são objeto de reflexão da teoria social. A partir da compressão do tempo-espço, da globalização da economia e da informação, a construção das identidades ganha novos contornos e necessita ser discutida. As travestis, transformistas, drag-queens e transexuais os transgêneros refletem as constituições de identidade e de gênero.

A sociedade contemporânea tem sido objeto de várias discussões na teoria social, particularmente suas transformações a partir da década de 70. Nessas discussões são várias as denominações para este processo, como pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva. Esses rótulos, entretanto, não são o que mais importa, mas sim as modificações intensas e contundentes na contemporaneidade e, acredito, vale a pena refletir sobre alguns aspectos dessa mudança.

Antes de tratar especificamente da questão da identidade na sociedade contemporânea, parece-me importante inserir na discussão alguns autores que refletem sobre o próprio cenário contemporâneo embutindo nessa discussão, de forma mais ou menos explícita, a questão das identidades. Como se dá a construção e reconstrução das identidades em um cenário fragmentado, permeado estética e informacionalmente pela mídia, por imagens sobrepostas, por informações sobrepostas, redes, fluxos, riscos e incertezas.

Hall afirma ainda que um aspecto importante relacionado à questão da identidade estaria ligado às transformações na alta modernidade, especialmente a globalização. As mudanças de tempo e espaço, as fragmentações dentro da própria modernidade e a ruptura com antigas tradições, a diferença como característica fundamental, enfim,

processos de descontinuidade, fragmentação, ruptura, deslocação, características da alta modernidade, contribuiriam sobremaneira para a transformação das identidades, que se tornariam fragmentadas e plurais. “Quanto mais a vida social torna-se mediada pelo marketing global de estilos, lugares e imagens, pelos trânsitos internacionais, por imagens de mídia e sistemas de comunicações em redes globais, mais as identidades tornam-se destacáveis - desconectadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, parecendo estar ‘à deriva’. Somos confrontados por uma série de diferentes identidades, cada uma delas nos atraindo, ou antes atraindo diferentes partes de nós, a partir das quais parece possível fazer escolhas.” (Hall, 1995: 57). Não é possível, então, pensar as identidades de forma deslocada do contexto, da experiência concreta. Na sociedade contemporânea parece ser difícil pensar no desejo de uma “unidade”. A globalização, assim, antes de estar vinculada a uma totalidade transcendente, permitiria uma proliferação de fragmentos. Ou seja, o local como parte integrante do mundo. Paisagens reais e virtuais que, de algum modo, se oferecem ao olhar de maneira parcial, mas ao mesmo tempo, como parte de um todo.

Na construção de uma perspectiva interdisciplinar, tão necessária para se dar conta dos processos multidimensionais, usar o conceito de gênero, a reprodução das ideologias e relações de gênero a partir das seguintes dimensões a) a dimensão simbólica, referente aos modelos e tipos ideais sobre masculino e feminino; b) a dimensão normativa, que diz respeito a tradução desse mundo simbólico em normas e valores c) a dimensão institucional, pertinente as instituições sociais – tais como, família, escola, estado, igreja, mídia, mercado, dentre outras – responsáveis pela disseminação dessas normas e valores; e d) a dimensão subjetiva, que diz respeito ao processo de interiorização desses valores e comportamentos correspondentes. Outro marco fundamental é *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949. A sentença mais utilizada é a notória “Não se nasce mulher, torna-se”.

Não basta a simples “transmissão de conhecimentos” teóricos provenientes dos estudos interdisciplinares de gênero e sexualidade na superação de preconceitos e discriminações na escola. É necessário ir além, abrir espaços no interior das instituições escolares para se problematizar os sentimentos, as resistências e os preconceitos que cercam esta temática.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“E EU NÃO SOU UMA MULHER?”: FRAGMENTOS DE UM DISCURSO FEMINISTA ANTIMANICOMIAL OU SOBRE A NECESSÁRIA GARANTIA DE LUGAR DE FALA E ESCUTA À MULHER LOUCA	
Priscila Coimbra Rocha Clarice Moreira Portugal Caliandra Machado Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.8951919111	
CAPÍTULO 2	12
A FORÇA DAS CONSTRUÇÕES SOCIAIS NA VIVÊNCIA DO MÉTODO CANGURU	
Joise Magarão Queiroz Silva Mariza Silva Almeida Edméia de Almeida Cardoso Coellho Talita Batista Lefundes Kelly Cruz Pimentel Sampaio Liliane de Souza Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.8951919112	
CAPÍTULO 3	22
A PARTICIPAÇÃO FEMININA NAS FORÇAS MILITARES ESTADUAIS: UM OLHAR SOBRE O PERCENTUAL PARA INGRESSO DE MULHERES NAS POLÍCIAS MILITARES À LUZ DO DIREITO FUNDAMENTAL DA IGUALDADE	
Isabel Gomes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8951919113	
CAPÍTULO 4	35
A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DAS MULHERES NA AGROECOLOGIA EM ALAGOAS	
Samara Farias dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.8951919114	
CAPÍTULO 5	47
A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA NO <i>ESTADÃO</i> : O CASO DE AMANDA BUENO	
Luíza Buzzacaro Barcellos Janie Kiszewski Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.8951919115	
CAPÍTULO 6	58
ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM OBSTÉTRICA E SEU VALOR NO RESGATE DA AUTONOMIA E EMPODERAMENTO	
Joise Magarão Queiroz Silva Talita Batista Lefundes Kelly Cruz Pimentel Sampaio Írbia Fernandes de Medeiros Letícia da Silva Cabral Cleuma Sueli Santos Suto	
DOI 10.22533/at.ed.8951919116	

CAPÍTULO 7	65
AS MEDIDAS PROTETIVAS MAIS APLICADAS EM CASOS ENVOLVENDO A LEI MARIA DA PENHA EM ORLEANS-SC	
Alessandra Knoll Felipe Basso Silva Gabriel Bittencourt de Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.8951919117	
CAPÍTULO 8	78
DE LEGGINGS À LUTA: A CONSTITUIÇÃO DO COLETIVO FEMINISTA MARIA BADERNA NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA – IFBA	
Taise de Jesus Chates Mirela Santiago Santos Rafael Bomfim Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8951919118	
CAPÍTULO 9	87
AS MULHERES DE CLARICE: UMA ANÁLISE FEMINISTA DOS CONTOS “A FUGA” E “RUÍDO DE PASSOS”	
Thainá Oliveira Chemelo Anna Marcella Mendes Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.8951919119	
CAPÍTULO 10	100
DIVERSIDADE DE GÊNERO E POLÍTICAS AFIRMATIVAS	
Jorge Adrihan do Nascimento de Moraes Valdenora Souza Mota Dayane Rainha da Silva Maria Madalena Pontes Melo	
DOI 10.22533/at.ed.8951919110	
CAPÍTULO 11	111
PRINCESAS NA <i>TIMELINE</i> : A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO DAS PRINCESAS DISNEY NA INTERNET	
Ana Carolina Rocha Lisita Patrícia Quitero Rosenzweig Rosa Maria Berardo	
DOI 10.22533/at.ed.8951919111	
CAPÍTULO 12	124
DIÁLOGOS CONJUGAIS DESENCONTRADOS EM <i>O SILÊNCIO</i> (1981), DA PORTUGUESA TEOLINDA GERSÃO (1940)	
Denise Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.8951919112	
CAPÍTULO 13	136
ERVAS MEDICINAIS: SABER E PRÁTICA NO FAZER FEMININO	
Daniela Bento Alexandre	
DOI 10.22533/at.ed.8951919113	

CAPÍTULO 14	146
EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS NÃO ESCOLARES: UMA ANÁLISE A PARTIR DA CONCEPÇÃO DAS MULHERES DEPENDENTES QUÍMICAS	
Ana Tereza Bernardo Ribeiro de Jesus Suzana Alves Nogueira Larissa da Conceição Alves	
DOI 10.22533/at.ed.89519191114	
CAPÍTULO 15	150
A INSERÇÃO DAS MULHERES NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL NORDESTINO ATRAVÉS DE DINÂMICAS ECONÔMICAS COLABORATIVAS	
Sunamita Iris Rodrigues Borges da Costa Assíria Marielle da Silva Dantas Azilis Camille Pierrel Laísa Maria da Silva Souza	
DOI 10.22533/at.ed.89519191115	
CAPÍTULO 16	163
LAERTE-SE: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE ALÉM DO GÊNERO	
Juliana Maria Duarte Marques	
DOI 10.22533/at.ed.89519191116	
CAPÍTULO 17	175
EXPRESSÕES ATIVISTAS DO POLIAMOR E DESBANQUE DE PRIVILÉGIOS MASCULINOS: ENFRENTAMENTO PELA PSICOLOGIA POSITIVA E RECURSO TÉCNICO DA RESILIÊNCIA	
Maria Juivalda Barbosa Izaura Maria Carvalho da Graça Furtado	
DOI 10.22533/at.ed.89519191117	
CAPÍTULO 18	186
MULHER PRETA E A INTELLECTUALIDADE “ A SÍNDROME DA NEGA METIDA”	
Thalita Santos Reis Luduvico	
DOI 10.22533/at.ed.89519191118	
CAPÍTULO 19	195
MOVIMENTO CAPOEIRA MULHER – MANDINGAS, MALÍCIAS, SABERES ANCESTRAIS E FEMINISMO NA RODA	
Maria Zeneide Gomes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.89519191119	
CAPÍTULO 20	209
MULHERES AMAZÔNIDAS E SUA RELAÇÃO COM EMPRESAS DE BIOCOSMÉTICOS: ENTRE NOVAS RURALIDADES E VELHAS CONCEPÇÕES DE GÊNERO	
Ruth Helena Cristo Almeida Carolina da Silva Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.89519191120	

CAPÍTULO 21	217
O DESAFIO DAS PESCADORAS DE AÇUDE DO TERRITÓRIO DOS INHAMUNS CRATEÚS. IDENTIDADE, TRABALHO E RECONHECIMENTO	
Viviana Pittalis	
Anita Dias	
DOI 10.22533/at.ed.89519191121	
SOBRE A ORGANIZADORA	227
ÍNDICE REMISSIVO	228

ERVAS MEDICINAIS: SABER E PRÁTICA NO FAZER FEMININO

Daniela Bento Alexandre

Graduada em História pela Universidade Estadual do Ceará - UECE/ FAFIDAM, Limoeiro do Norte - CE, daniela.sasac@gmail.com

RESUMO: Na trilha das historiografias, as narrativas das Mulheres têm sido pouco assumidas pela história. Por essa razão existem muitas lacunas a serem preenchidas, contadas, escritas e reescritas com olhar e análise de mulher. Este artigo versará sobre a experiência de mulheres raizeiras do Alto Sertão Sergipano, contadas por elas a partir do trabalho de sistematização popular, que culminou na cartilha, *Ervas Mediciniais: Saber e prática no fazer feminino*.

PALAVRAS-CHAVE: Ervas medicinal; Comunicação popular; Mulheres.

ABSTRACT: In the path of historiography, the narratives of women have been little assumed by history. For this reason there are many gaps to be filled, told, written and rewritten with a woman's gaze and analysis. This article will deal with the experience of root women from Alto Sertão Sergipano, told by them from the work of popular systematization, which culminated in the booklet, *Medicinal Herbs: Knowledge and practice in making women*.

INTRODUÇÃO

Se pedirmos para que uma criança desenhar uma bruxa, sem dúvida ela irá nos mostrar a imagem de uma velha corcunda, uma vassoura e um caldeirão, e com certeza irá afirmar que a bruxa é má e que mata gente envenenada e por aí vai. A grande questão é que essa ideia também está presente no imaginário de muitas pessoas adultas.

O que talvez muitos não saibam é que essa imagem é a mesma criada, principalmente, pelas igrejas católicas e protestantes ainda no fim da Idade Média. E poucas ousaram perguntar o porquê, e compreender quem de fato foram e são as bruxas (ANGELIN, 2016). E para compreendermos é preciso sim fazer esse paralelo entre as bruxas da Idade Média e as bruxas da era moderna.

De acordo com Angelin (2016) as bruxas da Idade Média foram mulheres a frente de seu tempo, mulheres dotadas de saberes e rebeldias. Aquelas que fugiram ou se negaram apenas a seguir as determinações de como deveriam se comportar. Entenda-se: casar, ser submissa, não interferir na vida social e política da época e, sobretudo expressar ou dominar qualquer tipo de saber, entre estes o manejo com ervas.

Mas como assim?

As bruxas na Idade Média foram, em sua grande maioria, às parteiras e curandeiras, que durante muito tempo foram reconhecidas como a única possibilidade de tratamentos e nascimentos em muitos povoados, e, portanto, gozavam de certo reconhecimento social. Mas, com a ascensão da medicina, ofício exclusivamente masculino, a ira e perseguição a esse saber e essas mulheres foi à saída encontrada para manter a ordem e soberania do patriarcado (DEL PRIORE, 1997).

Mas, na verdade, as bruxas eram e são apenas mulheres que ousaram e ousam se reunir, se organizar, trocar saberes sobre ervas, chás, cicatrizantes, anti-hemorragicos entre outros.

A utilização de plantas com fins de cura é tão antiga quanto à história da humanidade. Na China, há registros de cultivo de plantas medicinais que datam de 3.000 a.C.; os egípcios, assírios e hebreus também as cultivavam em 2.300 a.C. As minuciosas descrições das plantas e suas virtudes são encontradas nos livros dos templos egípcios: no Livro dos Mortos em forma de receitas para embalsamento de cadáveres e no Livro dos Vivos com descrições de propriedades e emprego de plantas para o tratamento de várias doenças (NOLLA, 2005).

Na mitologia grega, Panaceia era a deusa da cura, e sua irmã Hígia protegia a saúde e a higiene, ambas as filhas de Asclépio (ou Esculápio para os romanos), considerado o deus da medicina e da cura. Além das duas, Asclépio tinha mais três filhas, Iaso, deusa da cura, Áceso, deusa dos cuidados e enfermagem e Aglaea, deusa dos bons fluidos, boa forma e beleza natural (BULFINCH, 1965). Embora Hígia e Panaceia sejam lembradas no juramento de Hipócrates, que prevaleceu com maior ênfase, do século V, antes Cristo até segunda metade do século XX, não significou ou significa o reconhecimento das mulheres no saber da medicina.

Contudo, desde a medicina popular até a medicina dita científica, existe um longo caminho a ser percorrido e nesse percorrer localizar o lugar da mulher nesse fazer das curas é essencial. O elo entre o mito e o trajeto das mulheres foi sendo esquecido e negado o direito do exercício, comprovação disso é que a primeira mulher que se tem notícia de ter cursado medicina no mundo, foi a norte americana Elizabeth Blackwell (1821-1910).

Mas voltemos à trilha das ervas e das curas populares. Quantas mulheres tiveram ou tem seus nomes registrados nas receitas diárias, nos chás, lambedores e garrafadas? Em tempo de medicina avançada as curandeiras, vão sendo de certo modo deixadas de lado, e os conhecimentos populares são apropriados, “os profissionais de saúde apropriam-se do conhecimento fitoterápico popular no código biomédico, isto é, procurando neles seu princípio ativo e deixando de lado a cosmologia que lhes dá sentido” (ARAUJO, 2002, p.17). Nesse sentido, o manejo popular das ervas que envolve benzeduras, banhos, chás e o conjunto de relações sociais que permeiam o seio de uma comunidade, praticados por parteiras, médicas e enfermeiras sem títulos acadêmicos são formas de resistências que reafirmam as relações entre a mulher e a natureza, numa cosmologia que lhes confere sentidos

próprios nos seus territórios.

METODOLOGIA

O trabalho de sistematização considerou a metodologia e princípios da comunicação popular, baseada na experiência do boletim Candeeiro, da Articulação Semiárido (ASA). "O boletim é um importante instrumento pedagógico de construção coletiva do conhecimento, as sistematizações das experiências de convivência com o Semiárido potencializam a divulgação das iniciativas bem-sucedidas no campo da agricultura familiar" (ASA, 2009).

Entre as principais características desse processo da comunicação popular estão: opção política de colocar os meios de comunicação a serviço dos interesses populares; transmissão de conteúdo a partir de novas fontes de informações (do/a cidadã/o comum e de suas organizações comunitárias); a comunicação é mais que meios e mensagens, pois se realiza como parte de uma dinâmica de organização e mobilização social; está imbuído de uma proposta de transformação social e, ao mesmo tempo, de construção de uma sociedade mais justa; abre a possibilidade para a participação ativa do cidadão comum como protagonista do processo.

Para melhor desenvolver o processo de sistematização o trabalho de coleta de receitas, memórias e histórias de vidas foi realizado em seis encontros. Cada encontro foi chamado de quintal. Ao todo percorreremos seis quintais.

O quintal não é necessariamente o espaço físico, foi mais uma simbologia para representar o nosso fazer e a nossa troca, que muito se dá no espaço dos quintais. Seja pela produção das ervas, mas, sobretudo por ser o espaço de pleno domínio e encontro das mulheres no seu fazer diário.

Logo a sistematização da cartilha buscou considerar toda a cosmologia presente no fazer dessas mulheres. Buscando ligar a prática atual a própria da trajetória da história das mulheres que as precederam. Buscamos de forma simples um paralelo entre estas e aqueles que arderam nas brasas como bruxas, por deterem o saber da cura.

Os quintais: Ervas Medicinais: De onde vem nossa Prática? Para iniciar nossa trilha foi solicitado que cada uma fizesse um esforço para descobrir quem são elas e que elementos elas consideravam que compunham o ser mulher. A pergunta norteadora foi: Quem sou eu? E numa roda fomos traçando um roteiro sobre o que pensamos de nós, e como muitas vezes esse pensar sobre nós pode ser nossas piores amarras para liberdade. O resgate foi feito em grupo, onde cada grupo deveria compor um painel com aquilo que elas acreditavam ser o eu mulher. Continuando nossa trilha fomos perceber como esse saber entra na vida, para tanto foi realizado um trabalho em grupo com as seguintes questões a serem respondidas: Qual a

importância do saber que temos? Por que ele não é mais explorado ou valorizado?

Para se pensar o eu e a prática se fez necessário percorrer o caminho da história onde em algum lugar nos deparamos com as bruxas, feitiçeras que nos precederam. Ao nos deparar com elas pudemos perceber como a ideia negativa que se espalhou e cruzou a linha do tempo e do imaginário popular, tem sido perverso para com a nossa prática.

É preciso, portanto, assumir a nossa prática enquanto afirmação do saber popular, mas também da identidade feminista, de luta e de resistência. Em todos os quintais dois objetivos nortearam nossa trilha: o auto reconhecimento das participantes como mulher e com a prática realizada, ou seja, o manejo com ervas medicinais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entender as linhas desse registro exige um olhar sensível às histórias de mulheres. Não é apenas mais uma história de ervas, são as ervas dessas mulheres. Cada receita, não é apenas um juntar de folhas e água morna numa xícara ou com um punhado de açúcar na feitura de um lambedor. As receitas são, antes de tudo, o seu saber, sua medicina, muitas vezes a única em muitos momentos de suas vidas.

É, portanto, a resistência do saber popular herdado de suas predecessoras: mães, avós, madrinhas e todas as antepassadas. Ao contar suas histórias vão revelando tantas outras que ficaram pelo caminho e que ora ganham corpo nessas receitas e memórias. Também é um revisitar na alma de mulher, no jeito de sentir e viver as lutas constantes desse gênero, tão cheio de desigualdade social.

É descobrir que as bruxas da inquisição já guardavam nosso saber de manejar as ervas e que o peso do olhar inquisidor ainda pesa sobre nossa prática atual. Lançando-nos esse olhar redescobrimos que nosso fazer, ainda que no silêncio e isolamento de seus quintais e cozinhas, guardam as trilhas e veredas da história, que unidas formam uma colcha, painel e vitrine de todas as mulheres que somos, fomos e seremos.

O Primeiro quintal foi marcado por muita emoção. Nesse espaço fomos acolhidas e nos acolhemos. Nosso desafio foi descobrir no quintal de nossas existências, a nossa identidade de Mulher. De modo leve e bem descontraído fomos conversando, cantando e descobrindo a mulher forte, guerreira, mas também onde guardamos nossas dores e desafios a ser superado em nosso cotidiano. E a nossa colheita veio em forma de poesias. Textos construídos durante o Primeiro Quintal. Antes de sermos raizeiras, curandeiras, rezadeiras. Somos mulheres. E fomos lá, no fundo de nós para nos definirmos na subjetividade que compõe todas as almas: A poesia.

AS POESIAS:

Nós somos de luta
Mulheres guerreiras
Que jamais "abaixa" a cabeça.
Jamais!

Por que quem "abaixa" Não levanta jamais.
Ergue a cabeça mulher brasileira.
Somos ervas maravilhosas.
Ervas da costa
O mal não encosta.

Aroeira bom pra cocêira
Cidreira que não deixa
Cair na ladeira
Capim santo
Que o mal espanta

Eu sou...

Sou Mulher, sou mãe
Sou porta do segredo da vida
Sou guerreira a cada instante,
Por direitos e deveres, sou líder
Na sociedade quero espaço
Não sou causa perdida
Educo filhos, filhas e trabalho
Quero viver sem embaraço levar paz no meu abraço.
(Dil, Dalva, Paula, Rosa e Luciene)

Mulheres Sertanejas Arretadas

Somos mulheres guerreiras que sabemos «se valorizar».
Não somos domesticadas e não
vamos nos deixar nunca.

Trabalhadoras que sabemos lutar e cobrar os
nossos direitos sociais e igualdade.

Lutamos contra a violência sofrida por
mulheres trabalhadoras do campo e das
florestas.

Temos um objetivo: fortalecer e mobilizar as
Mulheres e o jovens para a luta da classe
Trabalhadora para criar autonomia.

(Aparecida, Zefa da Guia, Elisângela, Cleosvalda).

Para concluir nossa trilha construímos uma poesia coletiva, a partir de 4 frases iniciais (Eu gosto de...; Mas fico triste com...; mas também fico feliz... Assim é minha vida de...), que é possível visualizar a seguir.

Eu gosto de ficar em casa, participar, compartilhar, escutar, fazer doce (adoçar), cuidar de pessoas e plantas, visitar, conhecer, ajudar, dialogar, reunir, abraçar, trabalhar no quintal, multiplicar no quintal, tranquilidade, coletividade e sonhar.

Mas, fico triste com disputa, mágoa, calúnia, quando não posso trabalhar e participar, injustiça, desânimo da população para lutar, indiferença, violência e desigualdade e injustiça social.

Mas também fico feliz com a chuva no chão, os sonhos realizados, construção coletiva, chuva no amanhecer, companheirismo, as amizades, partilha, união e cheiro de terra molhada.

Assim é minha vida de agricultora, de aprendiz, de mulher trabalhadora, caminhante, militante, sertaneja, sonhadora e de missão.

O segundo quintal nos trouxe as ervas que nos define. Descobrimos que as plantas são mais que vegetais nesse manejar feminino. Para elas as plantas, sejam pela força, aromas ou função, contribuem para a construção pessoal de suas identidades. E assim, nesse reconhecimento e semelhanças adotaram algumas como sobrenomes. Assim foi construído coletivamente o espiral de alma e flor.



Figura 1 - Plantas que nos definem.

Organização: Autora, 2017.

De quintal em quintal passeamos pelos usos diversos das ervas, buscando compreendemos a importância delas na vida da humanidade e como esse saber foi perseguido ao longo da história. E assim entendemos que o trabalho exercido por mulheres no manejo com as ervas, as curandeiras e as parteiras já foram chamadas de bruxas e queimadas por isso. E assim criar um paralelo entre esse ofício, que embora seja tão praticado, vive uma desvalorização social.

Nesse sentido, as mulheres responderam as seguintes perguntas: Onde e como usamos as ervas na nossa vida?

Como resultado percebemos que os usos das ervas estão presentes em nossas vidas desde o nascimento e que seus usos são os mais diversos indo desde a sua utilização para fins medicinais como os chás, xaropes, lambedores, pomadas e outros e para culinária como temperos, corantes etc. E ainda como parte inseparável de nossas crenças: rezas, banhos, descarrego.

Nesse sentido, o passo seguinte foi escrever as receitas, considerando os seguintes aspectos: Colheita, qual o melhor horário, quantidades (proporções), tempo de cozimento, maturação, validade, dosagem e indicação.

Na troca experimentamos a nossa panaceia e alquimia da e na alma de mulher. Cantamos, sorrimos, trocamos e nos fortalecemos. Tecemos nossa colcha de vidas e nos alimentamos para a luta diária na busca de sermos donas de nossas vidas e saberes.

As receitas foram divididas por categorias e indicação. Todas as receitas foram escritas durante o processo de formação, assim possibilitou a troca de olhares sobre

uma mesma receita, em alguns casos havendo ajustes quanto às quantidades e indicações. No tocante aos melhores períodos para os manejos elas concluíram que:

CICLOS LUNARES	COLHEITAS
Lua cheia	Raízes
Lua Crescente e Nova	Outras partes vegetais (Folhas, flores, frutos, castas...)
Lua Minguante	Não Usar

Quadro 1 - Indicações de ciclos lunares para manejo vegetal.

Organização: Autora, 2017.

Abaixo tabela com algumas das indicações de usos de ervas medicinais e plantas da caatinga. "Para males do espírito só Deus cura, mas para todo o resto, temos ervas". (Informação verbal de Sueli Campos, vendedora de ervas do Mercado Municipal Albano Franco - Aracaju/SE.

Chás	
Planta	Indicação
<ul style="list-style-type: none"> • Mandacaru • Manjeriçã 	Gripe/febres
<ul style="list-style-type: none"> • Flor de maracujá • Casca de mulungu • Cidreira com capim santo • Alecrim 	Calmante
<ul style="list-style-type: none"> • Folha de sambacaitá/canudinho • Casca de imburana de cambão 	Antinflamatórios

Quadro 2 - Tipos de chás e usos.

Organização: Autora, 2017.

Ao todo foram colhidas mais de 30 receitas, distribuídas da seguinte forma:

Receitas	Quantidades
Chás	09
Lambedores	02
Garrafada	02
Sucos medicinais	07

Quadro 3 - Tipos de receitas

Organização: Autora, 2017.

Se existe lacunas entre as pisadas históricas das mulheres e suas panaceias, o grupo entendeu que o trabalho deveria de algum modo, além das receitas, cuidar de contar as histórias de algumas das mulheres envolvidas nesse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho envolveu diretamente 30 mulheres do Alto Sertão Sergipano, distribuídas entre os municípios de Poço Redondo, Canindé de São Francisco, Gararu, Porto da Folha, Monte Alegre de Sergipe e Nossa Senhora da Glória, dentre estas, 07 histórias foram escolhidas, contadas, registradas e validadas pelo grupo e integram a parte final da cartilha, na qual culminou todo esse trabalho.

Porém, tenho a sensação que nada é conclusivo quando tratamos da lida resistente das mulheres. Contudo, nessa pequena caminhada na trilha das mulheres que benzem, curam, rezam e regam os quintais das existências femininas, compreendi que ainda há muito a ser dito, pesquisado resgatado, registrado e fortalecido.

Assim como a cartilha, esse artigo busca apenas dá ecos a esses saberes, por vezes pouco destacado na feitura acadêmica. De algum modo religar o elo perdido, entre os desafios das bruxas do medievo, e as marias dos quintais do agora.

Se hoje já não arde em nossa pele as brasas do "fogo santo", arde as mesmas labaredas machista, que continuam não aceitando que nós mulheres temos saberes e inteligências diversas e, portanto, queremos mais que: votar, casar, parir e ser do lar. Precisamos cada dia mais resgatar nosso elo de mulheres, irmãs e parceiras para podermos honrar as bruxas que nos antecederam e aquelas que nos sucederão.

Urge reconectarmos os elos dessas narrativas, bem como das nossas existências de mulheres. A tarefa de nos decifrarmos e de contar nossa caminhada é uma tarefa que deve ser assumida por cada uma de nós. Os homens já tentaram por diversas vezes, mas por não sentir o que sentimos, não tinham e não tem como saber mais de nós que nós mesmas.

REFERÊNCIAS

ANGELIN, Rosângela. **A "caça às bruxas"**: uma interpretação feminista. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/053/53_angelin.htm>. Acesso em: 01 nov. 2018

Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). **AÇÕES - P1+2**. Disponível em: <<http://www.asabrasil.org.br/acoes/p1-2>> Acesso em 01 nov .2018.

BENTO, Daniela Alexandre. **Ervas medicinais**: Saber e prática no fazer feminino. Disponível em: <https://docs.wixstatic.com/ugd/8d20c0_1709_e80a553b484da115d08fb38612cf.pdf> acesso em 30 out 2018.

BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia**. ed.Tecnoprint, 1965.

DEL PRIORE, Mary. Eva Tupinambá In: DEL PRIORE, Mary (ed.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

DIAMANT, Anita; **A tenda vermelha**. Ed versus 1997.

NOLLA, D.; SEVERO, B.M.A.; MIGOTT, A.M.B. **Plantas medicinais**. 2 ed. Passo Fundo: UPF, 2005. 72 p.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO - Doutoranda em Educação Escolar. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX”.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Açude 217, 221

Agroecologia 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45

Amanda Bueno 47, 48, 50, 52, 54, 55, 56

C

Clarice Lispector 87, 88, 97, 98

Comunicação popular 136, 138

Contexto escolar 78, 82

Crítica literária feminista 87, 89, 98

Cuidado 11, 12, 14, 18, 19, 20, 24, 41, 50, 58, 60, 61, 62, 64, 82, 92, 131, 179, 217, 219

Cuidado de enfermagem 58

D

Discursos 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 16, 17, 50, 87, 103, 111, 113, 114, 117, 132, 133, 134, 168, 172, 183, 209, 227

Diversidade de gênero 100, 101, 102, 103, 105, 108

E

Economia solidária 150, 152, 156, 157, 158, 160

Educação contra hegemônica 195

Empoderamento feminino 58, 61, 151, 160

Enfermagem 12, 15, 20, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 137

Enfermagem obstétrica 58, 60, 61, 62

Ervas medicinais 136, 138, 139, 143, 145

Estadão 47, 48, 49, 53, 54

Experiências educacionais 146, 147

F

Feminismo negro 85, 186, 187, 188, 192, 194, 199, 207

H

Humanização do parto 58, 59, 60, 61, 62, 63

I

Identidade 6, 8, 12, 13, 17, 18, 19, 26, 32, 38, 43, 69, 78, 79, 91, 95, 96, 98, 103, 107, 109, 113, 117, 123, 126, 132, 139, 150, 157, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 208, 217, 218, 220, 221, 222, 225

Inclusão social 150, 158

Intelectualidade 186, 188, 192

Interseccionalidade 1, 3, 5, 6, 7, 10, 11, 78, 81, 85, 86, 91, 111, 112, 116, 117, 123

J

Jornalismo 47, 49, 55, 56, 57

L

Lei 19, 20, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 48, 51, 54, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 105, 106, 109, 147, 173, 187, 218, 223

Literatura portuguesa contemporânea 124, 129

M

Medidas protetivas 65, 70, 71, 72, 75, 197

Método canguru 12, 14, 15, 16

Minorias 81, 100, 104, 105, 106, 107, 108

Movimentos sociais do campo 35, 40

Mulher 1, 2, 5, 6, 7, 8, 10, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 76, 79, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 103, 114, 117, 120, 123, 125, 127, 128, 129, 131, 132, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 158, 160, 161, 163, 164, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 176, 177, 181, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 213, 220, 221, 222, 223, 225

Mulher capoeirista 195, 201, 205

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66, 67, 72, 76, 79, 81, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 103, 105, 107, 113, 114, 116, 117, 119, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 167, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 180, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 213, 215, 216, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Mulheres dependentes químicas 146, 148

Mulher-trabalho 35

O

Organização feminina produtiva 150

Organização social 17, 40, 166, 207, 209

P

Parceria 156, 158, 164, 195, 202, 205, 209, 211, 213, 216, 220, 223

Pescadoras artesanais 217, 219, 225

Políticas afirmativas 100, 101, 102, 104, 105, 106, 108

Práticas pedagógicas 146, 147, 148

Prematuridade 12, 14, 19

Protagonismo feminino 35, 62, 63

R

Representação 47, 51, 54, 56, 89, 91, 92, 111, 116, 119, 122, 125, 167, 169, 198, 211, 212, 219, 220, 221, 225

Resistência 38, 89, 90, 94, 130, 139, 170, 179, 183, 187, 190, 192, 193, 195, 199, 200, 203, 207, 219, 223, 225

Roda capoeira 195, 200

S

Sertão 136, 144, 217, 220, 221

Solidão 96, 124, 187, 190

T

Tradição 89, 90, 124, 129, 134, 196, 197

Transexualidade 163, 164, 165, 168, 169, 172, 174

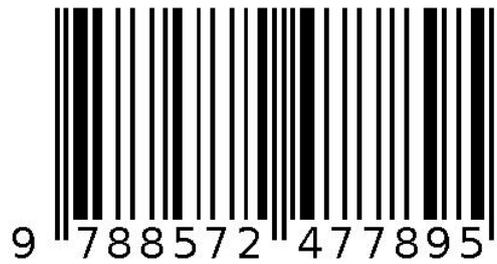
V

Violência 4, 6, 11, 19, 20, 32, 43, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 94, 108, 141, 164, 170, 172, 187, 190, 191, 193, 200, 201, 204, 213, 225

Violência contra a mulher 47, 48, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 69, 76, 200

Volatilidade 124, 125, 126, 134

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-789-5



9 788572 477895